

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16149 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 05 - Educação e Infância

## ACESSO E USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS POR CRIANÇAS PEQUENAS: O OLHAR DAS FAMÍLIAS

Maria Eloisa Müller Borgmann - UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

Fernando Jaime Gonzalez - UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

### **ACESSO E USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS POR CRIANÇAS PEQUENAS: O OLHAR DAS FAMÍLIAS**

#### **RESUMO:**

Este estudo investiga o uso das tecnologias digitais na infância, com foco nas percepções dos pais sobre possíveis benefícios e as preocupações enfrentadas. Realizamos uma pesquisa de campo exploratória, envolvendo entrevistas e questionários com pais de crianças entre dois e três anos de uma escola de educação infantil municipal de uma cidade do interior do RS. Participaram oito famílias de diversos perfis socioeconômicos e culturais. Os resultados revelam que todas as crianças utilizam telas diariamente, com a maioria dedicando cerca de duas horas por dia a essa atividade. Entre os conteúdos mais mencionados estão os vídeos e jogos educativos. Os pais entendem que as tecnologias oferecem benefícios educativos e de entretenimento, mas também expressam preocupações significativas sobre o tempo de tela e a exposição a conteúdos inapropriados. Este estudo oferece uma visão inicial sobre o uso de tecnologias por crianças pequenas e a percepção dos pais em relação a essas ferramentas digitais na primeira infância. A pesquisa integra um estudo mais amplo que visa entender os impactos das tecnologias nas dinâmicas de socialização das infâncias contemporâneas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desenvolvimento Infantil. Gestão Familiar. Tecnologias Digitais.

#### **INTRODUÇÃO**

A presença crescente das tecnologias digitais nas infâncias contemporâneas têm transformado significativamente as formas de entretenimento, aprendizado e interação social das crianças. “De início, a televisão, depois os videogames, os DVDs, atualmente os *iPads* e celulares, cada vez mais atraentes, próximos e acessíveis, com um manuseio também cada vez mais facilitado aos pequenos” (Bernardino, 2021, p. 146). A rápida evolução tecnológica trouxe benefícios, como o acesso à informação e ferramentas educativas interativas, mas também suscita preocupações sobre o tempo excessivo de tela e a exposição precoce a conteúdos digitais (Jerusalinsky, 2021). Embora as tecnologias estimulam a criatividade e facilitam o aprendizado, há receios sobre o impacto na saúde física e mental das crianças, como problemas de sono e socialização, além da possível dependência digital.

A relação entre crianças e tecnologias digitais é uma questão complexa, que demanda uma abordagem cuidadosa de pais, educadores e da sociedade. A compreensão da perspectiva parental é crucial, pois os pais atuam como mediadores primários entre as crianças e o mundo digital, influenciando diretamente os padrões de uso e as percepções sobre os benefícios e riscos associados às tecnologias.

Na perspectiva da sociologia da socialização, e tomando como referência a obra de Bernard Lahire (2019), estudamos esse fenômeno no marco da gestão familiar das experiências socializadoras das crianças. Esse processo pode ser definido como um conjunto de práticas, estratégias e intervenções conduzidas pela família visando moldar e orientar o desenvolvimento social, cultural e emocional das crianças. A gestão envolve a seleção e o controle das atividades, influências e contextos aos quais as crianças são expostas, incluindo a escolha de escolas, atividades extracurriculares, redes de sociabilidade e práticas culturais, que possibilitam a constituição de valores, comportamentos e competências.

Inclui-se nessa gestão o uso das tecnologias digitais, como *smartphones*, especialmente para crianças pequenas. Este aspecto pode abranger tanto decisões intencionais sobre o controle do tempo de uso e os tipos de conteúdo acessíveis, quanto práticas incorporadas sem intencionalidades claras que influenciam a interação das crianças com essas tecnologias. Assim, partimos da hipótese que a gestão familiar das experiências socializadoras, condiciona também a socialização digital de maneira implícita e explícita, refletindo as dinâmicas, conhecimentos e valores familiares que moldam a experiência cotidiana das crianças no mundo contemporâneo cada vez mais digitalizado.

Nesse contexto, o objetivo deste estudo exploratório foi investigar as percepções de um conjunto de pais de crianças na primeira infância (idades entre dois e três anos), alunos de uma escola de educação infantil sobre o uso de tecnologias digitais por seus filhos. Especificamente, o estudo visou identificar os benefícios percebidos e as principais preocupações dos pais participantes da pesquisa, bem como as estratégias de gestão adotadas pelas famílias.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa foi realizada em uma escola municipal de educação infantil situada em uma cidade de pequeno porte na região noroeste do RS. A escolha desta escola específica se deu pela representatividade em termos de diversidade socioeconômica e cultural, o que nos permitiu obter uma amostra variada e significativa para os objetivos do estudo.

A pesquisa envolveu as famílias de 17 crianças com idade entre dois e três anos, sendo 5 meninas e 12 meninos. Das 17 famílias abordadas, 8 aceitaram participar, resultando em uma taxa de resposta de aproximadamente 47% com a presença de um pai e uma mãe em um dos casos, e apenas a mãe nos demais. Os pais participantes tinham entre 25 e 35 anos

com diferentes perfis socioeconômicos e ocupacionais, incluindo contador, servente, caminhoneiro e gerente de loja, o que enriqueceu a análise dos dados.

Os questionários estruturados foram aplicados aos pais para obter dados quantitativos sobre a frequência e os tipos de usos das tecnologias digitais pelas crianças. O questionário incluía perguntas como “Quantas horas por dia seu filho passa em frente às telas?” e “Quais dispositivos são mais utilizados em sua casa?”. A análise dos dados quantitativos dos questionários foi realizada calculando médias, frequências e proporções para descrever o uso das tecnologias digitais pelas crianças, como a quantidade de tempo gasto em frente às telas e os tipos de dispositivos mais utilizados. Esta abordagem permitiu quantificar o uso das tecnologias e realizar comparações entre as diferentes famílias participantes.

A coleta de dados qualitativos foi realizada em duas etapas principais: conversa em grande grupo e aplicação de questionários estruturados. A conversa permitiu uma exploração das percepções e experiências em relação ao uso de tecnologias digitais pelos filhos. Utilizamos um roteiro de entrevistas com perguntas abertas que abordavam temas como tipos de atividades digitais preferidas pelas crianças, frequência e duração do uso das tecnologias, e estratégias de controle parental. Exemplos de perguntas incluem “Quais tipos de atividades digitais seu filho mais gosta?” e “Qual o tempo e frequência que seu filho passa em frente às telas?” permitiram uma compreensão básica sobre o uso das telas pelas crianças e forneceram, indiretamente, informações sobre as dinâmicas familiares, particularmente vinculadas a essas práticas.

Todos os procedimentos da pesquisa seguiram as diretrizes éticas estabelecidas para estudos com seres humanos. Obtivemos consentimento de todos os participantes, garantindo a confidencialidade e o anonimato das informações fornecidas. Os participantes foram comunicados sobre o objetivo da pesquisa, a voluntariedade da participação e o direito de se retirar do estudo a qualquer momento sem qualquer penalização.

Reconhecemos que a amostra limitada de 8 famílias pode não ser representativa de todas as realidades socioeconômicas e culturais do estado do RS. Além disso, a pesquisa se concentrou em uma única escola, o que pode restringir a generalização dos resultados. No entanto, acreditamos que as informações obtidas fornecem *insights* sobre as percepções dos pais e servem como base para estudos futuros com amostras maiores e mais diversificadas.

## **USO DAS TECNOLOGIAS PELAS CRIANÇAS E POSICIONAMENTO DOS PAIS**

Os dados revelam que, em média, as crianças utilizam tecnologias digitais por aproximadamente duas horas por dia. A maioria das crianças, 62,5%, utilizam essas tecnologias entre 1 e 2 horas diárias, enquanto 12,5% usam por mais de 3 horas diárias e 25% utilizam menos de 1 hora diária. Esses números sugerem uma exposição considerável às tecnologias digitais desde cedo, o que pode ter implicações variadas para o desenvolvimento

infantil. A orientação da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2019), é de que as crianças entre dois e cinco anos façam o uso de telas por no máximo uma hora diária.

Os dispositivos mais comuns entre as crianças são *smartphones*, utilizados por 37,5%, seguidos por *tablets* com 12,5%. A televisão também é um aparelho popular, usado por 100% das crianças. Isso indica uma diversidade de tecnologias ao alcance das crianças, com uma predominância de equipamentos portáteis e interativos.

As atividades digitais mais comuns incluem assistir vídeos, com 75% das crianças envolvidas nessa atividade, seguidas por jogos educativos e de entretenimento, ambos com 25%. Aplicativos de aprendizagem também são populares, utilizados por 20% das crianças. Esses dados mostram uma tendência das crianças a se engajarem em atividades tanto educativas quanto recreativas, refletindo a dualidade do impacto das tecnologias digitais.

As entrevistas com os pais revelaram percepções mistas sobre o uso das tecnologias digitais por seus filhos. Um número significativo de pais, 62,5%, considera que as tecnologias têm um impacto positivo no desenvolvimento das crianças. No entanto, 50% dos pais expressam preocupações sobre as implicações na socialização das crianças.

Entre os pais que apontam benefícios no uso das tecnologias digitais, todos coincidem em destacar que as tecnologias são necessárias por favorecerem o estímulo à criatividade e por facilitar a aprendizagem. Outro benefício percebido é o entretenimento, mencionado por 25% dos pais, respectivamente.

Por outro lado, as principais preocupações dos pais incluem o tempo excessivo de tela, mencionado por 37,5%, e a exposição a conteúdos inadequados, por 12,5%. Outros pais, 25%, estão preocupados com a dependência tecnológica e os potenciais impactos negativos na saúde, como problemas de visão, de sono e aprendizagem. A SBP informa esses riscos e orienta que as crianças até dois anos não sejam expostas às mídias digitais por mais de uma hora diária. (SBP, 2019).

Ao comparar os achados do presente estudo com os resultados de pesquisas semelhantes, como o estudo conduzido por Guedes et al., observamos algumas diferenças e similaridades notáveis. Enquanto nosso estudo envolveu 17 famílias, com participação efetiva de 8, a pesquisa de Guedes et al. teve uma amostra significativa maior de 244 pais ou responsáveis de crianças matriculadas em creches. Em ambos os estudos, a prevalência do uso de mídias interativas pelas crianças foi alta, com Guedes et al. relatando uma prevalência de 67,2%. Contudo, a metodologia de análise difere, pois utilizamos entrevistas e questionários para obter dados qualitativos e quantitativos, enquanto Guedes et al. usaram um questionário focado em hábitos de uso de mídias e nível econômico, seguido de testes estatísticos como o qui-quadrado e *t* de Student.

Além disso, nosso estudo concentrou-se nas percepções e comportamentos dos pais em relação ao uso de tecnologias digitais, enquanto o estudo de Guedes et al. destacou a

forma predominante passiva de uso das mídias e as restrições de tempo impostas pelos pais. Essas comparações ressaltam a necessidade de considerar diferentes abordagens metodológicas e tamanhos de amostra para obter uma compreensão mais abrangente do impacto das mídias interativas no desenvolvimento infantil.

Os resultados deste estudo indicam que o uso de tecnologias digitais é uma prática comum entre as crianças da escola investigada. As perspectivas dos pais refletem tanto os potenciais benefícios quanto as preocupações associadas ao uso de tecnologias digitais na infância. As comparações com estudos anteriores sugerem que, embora haja consenso sobre a alta prevalência do uso de tecnologias, há variações nas metodologias e enfoques analíticos que podem influenciar os achados e suas interpretações.

## CONCLUSÃO

Em conclusão, é possível afirmar com base neste estudo preliminar que, na atualidade, residir numa cidade do interior do RS não restringe o acesso ao uso de telas por crianças pequenas, ao terem acesso convencional similar ao de grandes cidades, cabendo às famílias a regulação desse uso. A desigualdade social, inferida a partir da posição socioprofissional dos pais, parece não afetar o acesso às tecnologias, não havendo, no grupo pesquisado, restrições de uso vinculadas a esse aspecto. No entanto, em pelo menos três casos, os pais relatam que o uso do celular era uma estratégia para entreter as crianças enquanto realizavam atividades laborais. Isso indica que a condição de classe se manifesta na necessidade de utilizar essa tecnologia como alternativa diante da falta de outros recursos para o cuidado infantil.

Concluimos que compreender a perspectiva parental é essencial para desenvolver estratégias eficazes que promovam um uso saudável das tecnologias digitais na infância, beneficiando o desenvolvimento integral das crianças. Futuras pesquisas devem continuar explorando esses aspectos, ampliando a amostra e diversificando os contextos escolares, para desenvolver estratégias cada vez mais eficazes que auxiliem na gestão do uso das tecnologias digitais na infância.

## REFERÊNCIAS:

BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. Da babá “catódica” aos duplos virtuais: os novos ‘outros’ da infância contemporânea. In: JERUSALINSKY, Julieta. BAPTISTA, Angela (organizadoras.). **Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Ágalma, 2021. p. 146 -165.

GUEDES, S. da C., Morais, R. L. de S., Santos, L. R., Leite, H. R., Nobrea, J. N. P., & Santos, J. N. (2019). A utilização de mídias interativas por crianças na primeira infância — um estudo epidemiológico. *Children’s use of interactive media in early childhood — an epidemiological study*. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rpp/a/kXbZdJr9Fr6JfdxwbPgYNT/?lang=pt> Acesso em: 29 de jul. 2024

JERUSALINSKY, Julieta. **Intoxicações eletrônicas**: o sujeito na era das relações virtuais. Salvador: Ágalma, 2021.

KANG, Shimi. **Tecnologia na infância**: Criando hábitos saudáveis para crianças em um mundo digital; tradução Tássia Carvalho.- 1. Ed. - São Paulo: Editora Melhoramentos, 2021.

LAHIRE, Bernard (dir.). **Enfances de classe**. De l'inégalité parmi les enfants. Paris : Éd. du Seuil, 2019, 1232 p.

Sociedade Brasileira de Pediatria. (2019). **Menos telas, mais saúde. Manual de Orientação, Grupo de Trabalho e Saúde na Era Digital**. Disponível em: [https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/22246c-ManOrient\\_-\\_MenosTelas\\_MaisSaude.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/22246c-ManOrient_-_MenosTelas_MaisSaude.pdf). Acesso em: 18 de jul. 2024.